

# Criança e mediunidade

“E será {que} nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens verão visões e vossos anciãos sonharão sonhos.” (Atos, 2: 17)<sup>1</sup>



Clara Lila Gonzalez de Araújo

claralilazez@gmail.com

**A** mensagem de Pentecostes enaltece a mediunidade, no abençoado exercício que nos é concedido para mantermos o intercâmbio entre os dois mundos, material e espiritual, recebendo da Divina Misericórdia o amparo necessário para o progresso de nossos Espíritos.

Inicialmente, gostaríamos de falar sobre o desenvolvimento infantil, com o intuito de conhecer melhor as características comportamentais da criança, de acordo com os aspectos educacional e psicológico, fundamentados no Espiritismo. Essa rápida abordagem é necessária

para compreendermos as manifestações mediúnicas que são reveladas por alguns desses Espíritos encarnados, na mais tenra idade, causando-nos surpresas e indagações quanto à veracidade das demonstrações.

Como bem sabemos, a criança é um ser reencarnado, uma alma que recomeça uma nova tentativa na carne, fixando a sua existência em três alicerces:

1. A criança é uma personalidade com seculares experiências, com características individuais próprias, mas que está momentaneamente adormecida. [...]

Uma espécie de amnésia temporária no Espírito, [...] para dar-lhe oportunidade de recomeçar uma nova experiência.

2. [...] É também uma personalidade nova em desenvolvimento. A personalidade atual deve se formar ao influxo do ambiente, da educação, dos estímulos da presente existência [...].

3. É representante da espécie humana e vai necessariamente obedecer a certos padrões instintivos de desenvolvimento que são comuns à espécie; por exemplo: o ato de mamar.<sup>2</sup>

As explicações a respeito dessas interações proporcionam

novas ideias na análise do desenvolvimento infantil, cabendo à personalidade espiritual evoluir constantemente para o engrandecimento do Espírito. A visão reencarnacionista proporciona uma dimensão mais ampla e profunda das características psicológicas do ser, descobrindo a verdadeira consciência individual que existe em cada criatura.

Dora Incontri analisa esses aspectos, que compõem um quadro teórico de como entender a criança em seu crescimento, aclarando os conceitos a serem utilizados na explicação de certos fenômenos espirituais. Esses fenômenos são acontecimentos influenciados por histórias de anteriores reencarnações e de circunstâncias práticas de sua existência atual. O esquecimento do passado, apesar de existir, não anula certas lembranças que se manifestam por meio dos sonhos, das intuições e de comportamentos que tiveram a sua origem em outras encarnações, como resultado de vivências difíceis e traumáticas.

Por outro lado, a vida de relação não se dá apenas no mundo material, mas, sobretudo, ocorre no Mundo Espiritual, no momento do sono, de forma mais intensa e verdadeira. Os Espíritos que atraímos pelas leis da afinidade, acolhem nossas ações, pensamentos e sentimentos, experimentados durante a

nossa estada no corpo de carne, e que se transportam para a espiritualidade, conforme a sintonia estabelecida entre nós e eles.

É dessa forma que recebemos influências de inteligências estranhas à nossa, atraídas, no entanto, por nós mesmos. Todos os tipos de mecanismos de comunicação entre nós e os seres invisíveis são caracterizados como efeitos mediúnicos.

Ao conceituarmos a mediunidade verificamos que ela “[...] é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. [...]”<sup>3</sup> Qualquer pessoa pode exercê-la, sem distinção, “[...] a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. [...]”<sup>4</sup> No entanto, os Espíritos Superiores não recomendam o desenvolvimento da mediunidade nas crianças: “[...] os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto senão do ponto de vista das consequências morais.”<sup>5</sup>

No entanto, esclarecem os Espíritos logo a seguir:

[...] quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a

isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e sobre-excitada. Nota que a criança que tem visões geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa naturalíssima, a que dá muito pouca atenção e quase sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, se conhece o Espiritismo.<sup>6</sup>

Assim, o fenômeno mediúnico não cessa de ocorrer entre os dois planos e muitas mediunidades fecundas se iniciaram desse modo, com manifestações esporádicas e fragmentárias na infância, quando nem sempre as manifestações mediúnicas foram admitidas com a necessária serenidade e compreensão dos pais. A esse respeito, o autor espírita Hermínio C. Miranda aconselha:

[...] Observe o que ocorre com a criança, sem assustá-la. Não é desgraça alguma ter filhos e filhas dotados de faculdades mediúnicas; ao contrário, é uma bênção em potencial, se tudo for encaminhado de maneira correta, dentro de um contexto de equilíbrio e bom senso. Afinal de contas os Espíritos são gente, tanto como nós somos Espíritos. Por que não poderíamos nos entender e estabelecer um intercâmbio proveitoso, através dos canais mediúnicos

que a própria natureza nos proporcionou para essa finalidade?<sup>7</sup>

Se formos analisar a fase infantil de determinados médiuns, conhecidos e respeitados no meio espírita, verificaremos que a mediunidade desabrochou muito cedo em todos eles. A saudosa médium Yvonne do Amaral Pereira (1900–1984), aos 5 anos já via Espíritos e com eles falava, continuando essa prática até o dia de seu desencarne. Sua trajetória mediúnica é muito interessante. Conta-nos, ela:

[...] Nunca desenvolvi a mediunidade, ela apresentou-se por si mesma, naturalmente, sem que eu me preocupasse em atraí-la, pois, em verdade, não há necessidade em se desenvolver a faculdade mediúnica, ela se apresentará sozinha, se realmente existir, e se formos dedicados às operosidades espíritas.

A primeira vez em que me sentei em uma mesa de sessão prática recebi uma comunicação do Espírito Roberto de Canalejas, tratando de suicídios, Espírito que me aparecia e comigo falava desde minha primeira infância. Antes, porém, já eu me desdobrava em corpo espiritual, pois também essa faculdade apresentou-se na infância.<sup>8</sup> ➔



istockphoto.com/meshaphoto

O mesmo se deu com o médium Divaldo Pereira Franco, que todos admiram. Estava ele com 4 anos quando sua avó, que desencarnara há muitos anos, lhe apareceu.<sup>9</sup> Algum tempo depois, Divaldo passou a ter um companheiro inseparável; um Espírito que se apresentava como criança e que teria a mesma idade de Divaldo e parecia “crescer” juntamente com ele. Brincavam, passeavam e conversavam durante horas, sem que as outras pessoas conseguissem vê-lo.<sup>10</sup>

Francisco Cândido Xavier (1910–2002), que chamamos carinhosamente de Chico, desde pequenino, conversava com a sua mãe que, já desencarnada, o orientava com os seus sábios conselhos. O estimado amigo, ainda criança, ouvia e via Espíritos sem ter muita clareza sobre isso.

Há muitos anos, participando de trabalhos desenvolvidos em abrigos institucionais espíritas, de crianças órfãs, observamos algumas meninas e meninos, na faixa de 4 a 6 anos que, repentinamente, em momentos distintos, passavam a falar num português claro, como se fossem adultos, mas, em tom ameaçador, sobre o problema que teríamos se ajudássemos as crianças que ali estavam. Nesses casos, eram dificuldades obsessivas que

atingiam esses menores, fruto da ação de Espíritos inferiores que os acompanhavam desde o nascimento. Foi preciso agir com o máximo cuidado e não deixamos de dar tratamento espiritual às crianças obsidiadas, em uma Casa Espírita, próxima do educandário.

A mediunidade, portanto, deve ser encarada com sensatez. A família deve estar preparada e solicitar ajuda ao Centro Espírita que frequenta, conversando com os mais experientes, entre eles os evangelizadores, sobre as manifestações que surjam e que tragam dúvidas quanto à legitimidade dos casos mediúnicos apresentados pelas crianças, sobretudo da primeira infância. Uma vez manifestada naturalmente a mediunidade, a família deve aceitar e compreender o que se passa com a criança, procurando dar explicações a ela sobre as razões que a levam a reagir dessa forma. Aclarar de maneira fácil, sem sustos, repressões, ironias ou temores, não permitindo que ninguém a ridicularize.

Alertamos, porém, aos pais: a criança pequena não está apta a compreender conceitos abstratos. A teoria do psicólogo suíço Jean Piaget (1896–1980), válida essa colocação, considerando que, dos primeiros anos até a idade de 8 ou 10, a criança só é capaz de desenvolver con-

ceitos altamente personalizados sobre aquilo que experimenta. Dessa forma, a explicação sobre a mediunidade requer pensamento objetivo. Por conseguinte, parece natural que ela entenda sobre a existência de Espíritos amigos desencarnados e de como eles podem se exprimir mediunicamente, em condições diferentes. Há uma certa magia nesse assunto, estimulando a curiosidade infantil.

#### REFERÊNCIAS:

<sup>1</sup> DIAS, Haroldo Dutra. (Trad.). *O novo testamento*. 1. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016.

<sup>2</sup> INCONTRI, Dora. *A educação segundo o espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1997. cap. 3 – *A Criança*, p. 33 a 35.

<sup>3</sup> KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2017. cap. 24, it. 12.

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. *O Livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 9. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2016. cap. 18, it. 221, subit. 6.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. subit. 7.

<sup>7</sup> MIRANDA, Hermínio C. *Nossos filhos são espíritos*. 9. ed. Bragança Paulista (SP), 2005. cap. 16 – *Não é trágico ser médium*, p. 96.

<sup>8</sup> PEREIRA, Yvonne do A. *À luz do consolador*. 4. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2016. *Dados biográficos de Yvonne A. Pereira para a Federação Espírita Brasileira*, it. 5 – Mediunidade.

<sup>9</sup> MIRANDA, Hermínio C. *Nossos filhos são espíritos*. 9. ed. Bragança Paulista (SP), 2005. cap. 16 – *Não é trágico ser médium*, p. 97 e 98.

<sup>10</sup> \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 98.